



www.alemdasletras.org.br

Série Apoio ao professor

Fonte: Curso 1 - O papel do nome próprio no processo de alfabetização

Autores: Clidinéia Ferreira; Érika MisKolci; Erotides Santos Vitório; Lorena Trescastro; M^a do Carmo Simões da Silva; Raquel Relvas; Renata Maria Oliveira; Tatiane Rodrigues.

Edição: Silvana Augusto

Agenda, jogos e lista de nomes

Três idéias para trabalhar o nome próprio na alfabetização inicial

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Instituto
avisa lá
formação continuada de educadores



Apoio —





Apresentação

Entre os meses de abril e maio de 2008, o portal Além das Letras ministrou o curso a distância *O papel do nome próprio na alfabetização inicial*. O produto compartilhado pelo grupo de alunos foi a organização de uma pequena coletânea de boas propostas para a sala de aula a partir do nome próprio. Agora, os alunos do curso¹ oferecem esse material, que foi amplamente discutido pelos participantes nos fóruns e nos demais espaços de estudos. Ninguém melhor do que um assíduo participante para apresentar os resultados:

“O percurso que realizamos até aqui nos trouxe reflexões muito interessantes e até mesmo surpreendentes! Apesar dos cursos já trilhados na área de alfabetização, o presente trouxe um olhar muito pormenorizado de ações que já foram incorporadas em nossa prática.

Quem de nós já havia pensado na hipótese de refletir o porquê de cada ação, se para tantos de nós é ponto pacífico que estas atividades colaboram para a apreensão do conhecimento do aluno? Contudo, fazendo uma análise de cada uma dessas atividades, nosso papel como alfabetizador toma uma proporção diferente, pois cada uma dessas propostas passa a ter um significado específico, capaz de resolver esta ou aquela dificuldade que o aluno possa ter.

Três propostas foram apresentadas e pudemos refletir quanto à funcionalidade de cada uma no que tange à aprendizagem da leitura e escrita. Cabe então ao profissional da área, compreender que as atividades podem ser apresentadas de formas diferentes e, assim, atingir também objetivos diferentes. O que se adquire, ao final, é autonomia tanto para refletir, quanto para buscar caminhos para alcançar a aprendizagem da leitura e da escrita.”

Érika Miskolci

Agora, é com vocês! Boa leitura! Envie suas sugestões e experiências para o portal Além das Letras, suas contribuições serão postadas em nosso mural.

¹ Todos os nomes citados nessa coletânea são alunos do curso que participaram até a etapa final, tendo realizado todas as atividades propostas e, desse modo, obtido o certificado de conclusão do curso. São, portanto, co-autores dessa coletânea.

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio





Capítulo 1

Nem tudo é o que parece - notas para o planejamento intencional e reflexivo

A sensação que você, leitor, terá nas próximas páginas é de familiaridade. Você vai reencontrar práticas que já ouviu falar e possivelmente, já faça. Portanto, essa coletânea não tem como propósito apresentar nenhuma grande novidade. Queremos apenas refletir, avaliar e orientar essas propostas divulgadas há tempos, encontradas nas salas de aulas das mais diferentes regiões do país.

Mas por que gastar páginas com o que todos já sabem?

Porque nem tudo é o que parece ser. Muitas propostas, embora amplamente difundidas, comumente são utilizadas nas escolas aleatoriamente, repetidas sem reflexão sobre seus reais propósitos e desafios para as aprendizagens nas séries iniciais. Analisando os detalhes da proposta, do tipo de consigna que se faz às crianças, das intervenções e dos materiais oferecidos, pode-se notar a falta de uma intencionalidade educativa que economizaria em muito o tempo das crianças e potencializaria suas iniciativas para aprender.

Clidineia Ferreira também concorda com a necessidade de planejar de modo mais reflexivo: “Nós preparamos atividades que levam nossos alunos à reflexão, a mudar seus conceitos, desestabilizando concepções e construindo novas aprendizagens. (...) Não precisamos facilitar para que nossos alunos aprendam a ler e a escrever convencionalmente e sim planejar estratégias que os levem a pensar em situações reais de leitura e de escrita, significativas dentro de um contexto socialmente aceito no mundo letrado”.

Planejar estratégias que levem os alunos a refletirem, exige do professor saber exatamente não só o que ele tem como objetivo de trabalho, mas também decidir sobre as diferentes formas de se propor uma atividade, já que consignas diferentes, podem produzir aprendizagens muito diferentes. Como lembra Lorena Trescastro, “as atividades ensinam coisas diferentes: a grafar letras, a reconhecer letras e a pensar sobre o sistema de escrita: variedade e repetição de letras nos nomes, nomes com tamanhos diferentes, com inícios e termos com a mesma letra, ordenamento das letras na composição das palavras. Tudo isso é importante, mas os professores precisam entender que as atividades do modo como são propostas estão ensinando coisas

Planejar e registrar

A tarefa de realizar um planejamento de trabalho de alfabetização e letramento com as crianças, respeitando seus processos de construção do conhecimento, os conteúdos e os interesses de cada turma não será possível sem que priorizemos uma organização sistemática de nossas propostas pedagógicas. Porém, um ponto importante na ação docente alfabetizadora, sem o qual essa ação não se efetiva, é o registro: ação pensante, onde prática, teoria e consciência são gestadas.”

Renata Maria Oliveira

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio





diferentes: podem propor uma reflexão sobre a escrita, propriamente, ou então sobre o uso dessa escrita socialmente. Ou, ainda, podem focar aspectos da leitura ou da escrita”.

Por que nome próprio na sala de aula?

Sobre essa questão, Raquel comenta: “Sabemos que a escrita do nome próprio tem função social definida em nossa cultura: identificar as pessoas, identificar aquilo que a ela pertence, referir-se e localizar-se... ou seja, simplesmente, “se fazer existir”.

Além de a escrita do nome próprio na escola ser usada para tais identificações, é utilizado também para proporcionar às crianças um suporte que lhes dê condições favoráveis para apoiá-las em seu processo de alfabetização. Por fornecer à criança um modelo estável de escrita, esse trabalho proporciona avanços significativos na aprendizagem da leitura e escrita, porque a criança encontra oportunidade para refletir sobre quais e quantas letras usar, em que ordem elas se apresentam. Assim, podem adquirir aos poucos os conhecimentos essenciais que impulsionarão seu processo de alfabetização.

Nome, um modelo de escrita

Segundo Rosa Antunes de Barros²: O conhecimento do nome representa uma oportunidade privilegiada de reflexão por se tratar de um modelo estável, por ter valor compartilhado por emissor e receptor e clareza na função na função social da nossa cultura.

M^a do Carmo Simões da Silva

Para Érika Mikolci, a grande vantagem de se trabalhar com o nome próprio vem do fato que “o nome encerra em si a unicidade no que tange ao assunto e a diversidade no que diz respeito a cada um ter um nome específico e, não obstante, poder ser trabalhado na classe como um todo”.

Para Lorena, “o uso de nomes para nomear e identificar e para organizar o grupo de crianças em sala de aula são atividades que inserem o uso do nome na rotina, destacando a funcionalidade da escrita. Essas atividades colocam em evidência o contexto de uso da escrita: é necessária, real e socialmente aceita como prática recorrente em nossa cultura (...) O nome, por si só, ao identificar a pessoa e servir de chamamento em várias situações discursivas cotidianas, tem contexto definido, claro e permanente. Em sala de aula, o que se faz é tirar desse contexto situações para fazer avançar a aprendizagem do sistema de escrita. Ao serem trabalhados na sala de aula, os nomes, que pertencem a contextos de uso freqüente pela criança, viram objetos de aprendizagem”.

² Autora do texto O trabalho pedagógico com o nome próprio, PROFA, M1.

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio





Capítulo 2

Três idéias validadas por nós – sugestões para a sala de aula

Segundo Lorena, “existem inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas a partir do nome próprio das crianças e, pensando nisso, o curso proporcionou que selecionássemos, compartilhássemos e analisássemos um repertório de propostas bastante valioso, refletindo principalmente sobre três critérios principais:

1. Situações em que o foco da atividade da criança seja ler ou escrever;
2. Situações em que a criança possa pensar sobre os usos e funções da escrita e sobre como se escreve;
3. Situações em que ler e escrever o nome sejam práticas necessárias e socialmente reconhecidas.

Não são simplesmente atividades propostas, mas são oportunidades de gerar conflitos que impulsionam a aprendizagem de nossas crianças e por isso, merecem toda atenção, antes, durante e após sua realização. Tais propostas oportunizam condições para que as crianças reflitam sobre o sistema de escrita apoiando-se num referencial importante e significativo para ela e que lhe dá segurança para escrever e ler: seu próprio nome.”

A seguir, apresentamos três idéias para se trabalhar com a lista de nomes da sala e seus diferentes usos.

Ler e escrever sistematicamente

O professor é bastante criativo e busca atividades ou as inventa para dinamizar o processo de aprendizagem. Por trabalhar com crianças pequenas, temos que considerar a faixa etária, de modo que a aula não se torne cansativa e pouco envolvente. Espera-se que as atividades de leitura e escrita sejam sistematicamente organizadas na escola.

M^a do Carmo Simões da Silva

1. O famoso e polêmico jogo do bingo

O jogo de bingo é um dos mais comuns nas salas de educação infantil e na primeira série. Muitos professores o utilizam porque acreditam que é um modo mais lúdico de ensinar, pensam que as crianças aprendem brincando. De fato, elas brincam, mas não é por isso que elas aprendem, mas sim pela quantidade de informações que ela tem acesso e pelas oportunidades de pensar.

As crianças adoram brincadeiras, por isso os jogos, são importantes durante todo o processo ensino-aprendizagem, diz Lorena. Com certeza, o resultado disso será bem melhor. Com o jogo do bingo não é diferente. Ele propicia que as crianças tenham oportunidade de conhecer mais as letras, utilizar as estratégias de leitura (seleção, antecipação, inferência e verificação), associar as letras iniciais e finais com os no-

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Fundação Victor Civita



Apoio



mes de sua cartela, etc. Além disso, desenvolve a atenção (para não perder nenhuma letra dita pela professora).”

Portanto, para validarmos a qualidade do jogo como atividade de aprendizagem, precisamos nos perguntar: o que se aprende em cada uma das situações? O que é mais desafiador? Em nosso curso, estudamos três situações de jogo de bingo freqüentemente encontradas e fizemos uma análise didática. A seguir, compartilhamos as reflexões do grupo.

1. Sorteio de letras do nome

Nesse jogo, a professora sorteia as letras, lê e as mostra para as crianças que, então, devem procurar a letra igual em sua cartela, cuja base é seu próprio nome. Ganhará o jogo aquele que cobrir todo o nome primeiro. Segundo uma outra regra, a criança pode ter uma cartela com mais de um nome em uma pequena lista, mas a unidade a ser sorteada, ainda assim, é a letra, como vemos abaixo.

M	A	R	C	E	L	O
S	O	R	A	I	A	
N	A	T	A	L	I	A
L	O	R	A	I	N	E

Lorena esclarece que nos dois casos, o foco está nas letras. De fato, ambos podem contribuir para que a criança amplie seu repertório de letras, controle a quantidade e reflita sobre a disposição das letras nos nomes. Mas serve apenas para isso. Quem já memorizou a ordem de seu nome, por exemplo, pouco tem a ganhar com essa atividade: se a professora mostra a letra, a tarefa da criança fica sendo apenas procurar o igual. Como diz Erotides, “quando ela está apenas cobrindo, só está aprendendo a contornar as letras, não precisa colocar em jogo nada do que já sabe, apenas brinca.”

Sabemos, no entanto, que saber os nomes das letras não é pré-condição necessária, muito menos suficiente para saber ler. Há jogos mais desafiadores que não se centram na letra como unidade da escrita, mas sim na lista de nomes. É o que veremos a seguir.

2. Sorteio de nomes em uma lista

No segundo caso de jogo do bingo, as crianças possuem cartelas com alguns nomes de sua sala. A professora procura compor a lista de modo a favorecer a reflexão sobre algumas regularidades da escrita, por exemplo:

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



M A R C E L O
M Á R C I A
A R I A N E
M A R I A N E

A professora, então, sorteia um nome a partir da lista de nomes da sala e a criança precisa verificar se a possui em sua cartela. Ela lê, mas não mostra a tarjeta para a sala. Primeiro ela pergunta para as crianças quem tem aquele nome e espera um instante até que todos verifiquem, leiam, discutam as divergências entre si e decidam sobre como se escreve aquele nome. Só então ela mostra a tarjeta para a conferência do grupo e a cola no quadro ao lado para que fique disponível como referência para o grupo consultar. Quem acertar os quatro nomes primeiro, ganha o jogo.

Raquel avalia essa proposta como a mais desafiadora porque “além de exigir mais da criança, permite que ela faça muitas reflexões sobre o que está lendo a fim de decidir qual o nome que deverá marcar”. Como esclarece Clidinéia, “nesse caso a criança utiliza todas as estratégias para alcançar o objetivo proposto. Ela terá que refletir sobre o sistema de escrita, precisa comparar com o nome de outros colegas para checar suas inferências, utilizar seus conhecimentos prévios sobre quais letras deverá utilizar para escrever aquele determinado nome e por fim, selecionar o nome correto para marcar”. Tatiane concorda, afirmando que nessa situação “há uma necessidade real de leitura, faz a criança utilizar hipóteses de leitura, entrar em conflito com o que ela já sabe e o novo, enfim, contribui significativamente para a aprendizagem”.

Para Erotides, “é fato que ninguém aprende as letras do nome a partir do nada. As situações de aprendizagem precisam ser contextualizadas, a criança precisa fazer relações: comparar, compreender, associar, pensar para compreender como se escreve seu nome e o dos colegas. Isso significa, portanto, aprender. Por isso, essa segunda proposta de bingo traz para as crianças vários questionamentos, fazendo com que elas coloquem em jogo muito mais do que apenas seu conhecimento sobre as letras e seu som. As crianças têm que diferenciar os nomes parecidos, reconhecendo as letras finais ou as iniciais, por exemplo. (...) Dependendo do questionamento feito pela professora, isso pode promover a aprendizagem da leitura de vários nomes ao mesmo tempo. É também muito interessante pelo fato de oportunizar ao aluno, contato com nomes muito parecidos, com letras iniciais e/ou finais iguais onde ele terá que colocar em jogo muito outros conhecimentos anteriores para poder entender as diferenças, reconhecer o nome e comparar sua grafia e leitura.”

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Fundação Victor Civita

Apoio





2. Me dá seu telefone? – o uso da agenda na sala de aula

Raquel nos trouxe a sugestão de um projeto para a confecção de uma agenda telefônica. O uso da agenda é especialmente interessante para essa leitura porque as crianças sabem o que está escrito, portanto, o exercício para elas é encontrar o nome que deseja em uma lista com vários outros nomes. Isso vai permitir a ela reconhecer as regularidades, pensar sobre elas, condições imprescindíveis para compreender como funciona o sistema de escrita, um conhecimento que, como já sabemos, é de natureza conceitual.

O próprio uso da agenda já cria todos os desafios necessários para a reflexão sobre o sistema, além de reflexão sobre os usos e funções de uma agenda de telefones, como bem ilustra Raquel. “Quando a criança precisa localizar e identificar um determinado nome, consultando a agenda para poder realizar o telefonema, faz uma atividade de leitura. Quando precisa saber em que página da agenda deverá escrever determinado nome, como ele se escreve, quais e quantas letras esse nome possui e em que ordem elas são escritas, ela reflete sobre a escrita. As crianças relacionam a letra inicial com o nome de outros amigos: se quiserem ligar para um colega saberão em que letra deverá estar e, se tiver dois nomes escritos, iniciados com a mesma letra, isso já gera um enorme conflito. A criança precisará se arriscar na leitura e ter certeza de qual nome está escrito ali, para não correr o risco de ligar para o colega errado!”

Segundo o grupo, o projeto seguiria as seguintes etapas:

1. Antes da confecção da agenda telefônica, a professora pode levar para a sala diferentes tipos de agenda telefônica e discutir sobre sua utilização, organização, manuseio, etc. Raquel já viveu essa experiência em sua cidade e comenta: “algumas crianças sugeriram comprar uma agendinha telefônica, pois em nossa cidade há algumas lojas de produtos a R\$1,00 e não ficaria custoso para ninguém. Pensando assim, as outras crianças toparam e resolvemos adquirir as agendas. Chegaram agendas de todos os tipos e tamanhos. Eu gostei muito, pois as crianças descobriram que apesar de diferentes, todas elas possuíam características em comum atendendo do mesmo modo à função a que se destinavam.”
2. As crianças também podem manusear algumas listas e procurar alguns nomes, aproveitando boas situações de leitura.
3. Em seguida, podem começar a confeccionar as agendas telefônicas, encaixando os nomes dos colegas nas letras correspondentes e anotando os números de telefones de cada um. Clidinéia pensa

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio



que essa etapa poderia ser planejada assim: “iniciaria com uma pesquisa onde cada aluno pesquisaria com os pais o número correto do seu telefone e o traria para a classe. Depois, explorariam esses números levando aos alunos a refletirem sobre sua ordenação. Quanto à escrita, depois de socializar a pesquisa, faríamos uma listagem geral com os nomes e números de telefone dos alunos. Entregaríamos uma cópia da lista para que eles elaborassem sua agenda pela ordem alfabética em duplas discutindo a posição de cada nome na agenda. Em uma outra aula, confrontaríamos essa lista completando a agenda, verificando onde surgiu mais dúvida, ou verificando se todos conseguiram chegar à organização esperada”.

4. Depois, pode-se solicitar aos alunos que liguem pelo menos para três amigos num prazo combinado para ver se as anotações funcionam.
5. Para finalizar, podem produzir um pequeno texto contando sobre a experiência que tiveram aos demais colegas que também queiram fazer agendas: como ocorreu, para quem ligaram, como foi o resultado. Isso pode ser feito coletivamente se a professora for escreba.

Lorena amplia a proposta: ela sugere “incluir no trabalho uma reflexão que favoreça a compreensão da funcionalidade de letras (nomes) e números (código de acesso telefônico), destacando o uso de números em diferentes contextos”.

Nenhum a menos!

Algumas professoras, preocupadas com a inserção de 100% de seus alunos no projeto, questionaram o fato de que tal proposta talvez não fosse adequada para alunos provenientes e famílias de baixa renda. Muitas crianças não possuem telefone em casa, passam a maior parte do dia fora e por isso, talvez não o utilizam com a mesma frequência que outras famílias, sem contar na contenção dos pulsos telefônicos que oneram o orçamento que os pais prevêem para o mês. Elas temem que esse problema poderia, em muitos casos, ser um impeditivo para a realização de um projeto cujo propósito compartilhado fosse construir uma agenda própria.

Mas, o exercício crítico e a discussão didática sobre os benefícios do desenvolvimento desse projeto para a criança que se alfabetiza, levou o grupo a concluir que as aprendizagens envolvidas na confecção e uso da agenda são necessárias, desejáveis e adequadas para as crianças. Como lembra Raquel, “a agenda tem uma função social por isso, ensinar a usá-la é muito coerente com a prática de alfabetização, valida nossos

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio





conhecimentos teóricos e práticos. Tatiane avalia que “a necessidade do projeto agenda reside no fato de possibilitar que a criança reflita sobre como se escreve. Essa atividade dispõe de muitos requisitos para isso e todos desejam que uma criança aprenda a ler e escrever de forma necessária e real, utilizando materiais adequados, como uma agenda”.

Erotides e Raquel concluem que “a construção de uma agenda de telefones é adequada, pois não podemos nos negar a fazer um trabalho como este, que junta práticas de leitura e a escrita, o real e o necessário em uma só atividade. Além disso, a agenda não é só para usar diariamente, é principalmente para usar nas emergências, para saber nomes e endereços de amigos e parentes. É também fonte de consulta do próprio número de telefone e endereço que pode ser usado para avisar a família quando houver uma emergência. Em casa, por exemplo, utilizamos telefone só em casos de necessidade. Porém, às vezes precisamos ligar para “aquele” colega, justamente “aquele” que não temos o número do telefone, ou que o anotamos em um pedacinho de papel perdido em algum canto da bolsa. Nesta “agenda” as crianças podem escrever e ler o nome do amigo que estão procurando, podem até procurar o seu próprio, caso não o saibam de cor, será um local para consultas, quando necessário, e até um exemplo para que usem em casa este modelo de registro de endereços e telefones.

Mas, ainda assim, há casos que necessitam de ajustes. Os alunos da professora Renata, por exemplo, em sua grande maioria, não possuem telefone residencial, nem um aparelho celular. Portanto, a construção de uma agenda telefônica seria um projeto inviável porque não teria utilidade prática em suas vidas. Nesse caso, ela optou por construir outro tipo de agenda, usando os endereços das crianças. Diz ela: “ficou um pouco mais complicado porque passou a envolver o nome da rua e o número de suas residências, mas tenho certeza que atendeu melhor às necessidades das crianças. Eles estão muito empolgados, os pais têm participado com as crianças”. Assim, ao invés de telefonar, as crianças poderiam combinar visitas aos colegas. Dá até pra iniciar um trabalho com o conhecimento do bairro, como sugere Raquel.

Nessa discussão, concluímos que o importante é oferecer a 100% das crianças, de qualquer classe social, as melhores condições para aprenderem a ler e a escrever. Ninguém fora, nem da agenda, nem de uma sala de aula interessante, desafiadora e produtiva.

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Apoio



3. Usos da lista de nomes no dia-a-dia da sala

Além do jogo do bingo e do projeto agenda, há muitas outras possibilidades de trabalho com a lista de nomes da sala. O que vem a seguir não é um projeto, não envolve toda a ludicidade do jogo, mas certamente é interessante e desafiador para as crianças. Trata-se das inúmeras ocasiões em que podemos recorrer à lista de nomes da sala para organizar o cotidiano em um contexto em que ler e escrever os nomes seja uma atividade real e necessária às crianças.

Não basta pendurar na parede

Para que o cartaz de pregas seja um instrumento para atividades pedagógicas ricas em potencial alfabetizador é necessário que o professor tenha realizado um planejamento com relação ao seu uso na sala de aula.

Renata Maria Oliveira

O cartaz de pregas

Um dos recursos mais utilizados pelos professores é o cartaz de pregas. Trata-se de um suporte, normalmente feito de cartolina ou papel craft, onde se encaixam filipetas com os nomes de cada criança da sala. Essas filipetas são produzidas seguindo determinadas orientações a fim de favorecer a atividade de leitura e não do simples reconhecimento pela criança:

1. usa-se letra caixa alta;
2. os nomes são escritos todos com a mesma cor, não diferenciando nomes de meninas ou meninos;
3. as filipetas têm tamanhos variados, a depender do tamanho do nome da criança, embora se use sempre o mesmo tamanho de letra;
4. não há nenhum outro sinal que facilite a leitura como desenhos, cores diferentes nas letras iniciais, fotos ou outras marcas que sirvam como um segundo símbolo.

Mas, afinal, o que esse material tem de tão especial? Nada. Muito pelo contrário, é uma lista muito simples. Diferente do que muitos pensam, não basta colocá-lo na sala de aula: a lista de nomes da sala não é objeto de decoração. Muitos entendem que basta colocar a criança em contato com esse material e isso já seria suficiente, pois a criança precisa olhar para os nomes. Isso não é verdade. Como se sabe, a aprendizagem da escrita não depende de atividades perceptivas. Isso significa que, ainda que a criança se depare com a lista de nomes todos os dias, isso não é suficiente para que, de fato, pense sobre o que está escrito. Lembra Raquel: o cartaz de pregas é um recurso para a realização de atividades.

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



O fato de possuir um cartaz de pregas em minha sala de aula não prova que as atividades realizadas sejam reflexivas para as crianças. Clidinéia concorda, para ela, “o cartaz de pregas pode ser apenas um recurso se ele for utilizado apenas como uma lista fixa, mas a cada vez que é utilizado, seguindo um propósito como é a chamada diária, ele serve para que a criança perceba que alguns nomes se iniciam com as mesmas letras, mas não terminam igual. Há nomes com quantidade de letras parecidas e diferentes. Som igual e escrita igual. A cada dia a criança pode refletir sobre algum nome de acordo com a proposta da professora.”

Raquel lembra que “a elaboração de boas propostas de atividades com a utilização do cartaz de pregas permite o desenvolvimento de um bom trabalho. Montar a lista de nomes da turma no cartaz de pregas e sugerir diferentes classificações e leituras (meninas e meninos, identificação da plaquinha de nomes dos alunos ausentes, leitura de nomes e ordenação, fazer a chamada) faz desse recurso um bom instrumento de trabalho”.

O uso dos nomes para a organização da lista de presentes na sala

Erotides traz essa contribuição a partir da análise de uma das atividades do vídeo sobre nomes próprios do PROFA, discutido em nosso curso. Ela comenta: “No vídeo do PROFA, o Nome Próprio e os próprios nomes, a professor Regina pede que as crianças de um determinado grupo ajudem a separar os nomes das crianças das duas salas de pré, que estão misturados. A proposta é boa para as crianças, pois põe em cheque todo o conhecimento que elas possuem sobre nomes, faz com que usem todo conhecimento que possuem.

Em uma outra situação, a professora propôs que as crianças fizessem uma lista separando as fichas com os nomes de duas salas da pré escola: os nomes eram conhecidos, com isto ela propôs uma reflexão sobre as características do sistema de escrita. Enquanto algumas crianças separavam os nomes, as outras, que já faziam uso de hipóteses mais adiantadas, escreviam a lista. Ao final, eles verificam se não esqueceram nenhum nome, o que faz com que as crianças em hipóteses pré silábicas adquiram novos conhecimentos e percebam que os nomes sempre se escrevem da mesma forma.

Com essa atividade as crianças podem aprender: a diferenciar os nomes pelas letras iniciais; a reconhecer que nomes parecidos tem apenas algumas letras diferentes; que apenas a primeira e a última letra não garantem que o nome seja o que ela está procurando; que o nome sempre se escreve da mesma forma; que alguns nomes se escrevem com poucas letras outros com muitas letras, etc.”

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Fundação Victor Civita



Apoio





www.alemdasletras.org.br

Para terminar ...

Chegamos ao final de nossa coletânea. Esperamos que você, caro leitor, tenha aproveitado nossas idéias e que nos ajude a manter essa comunidade de professores alfabetizadores sempre ativa. Para tanto, convidamos você a revisar suas práticas: levante as práticas que deseja manter, as que pretende melhorar e, por fim, o que se mostrou novo e que será incorporado em sua prática docente. Utilize o espaço a seguir para suas anotações pessoais.

Acesse nosso portal, www.alemdasletras.org.br e nos envie comentários sobre o que você achou desse material e como o utilizou em sua escola. Suas idéias podem ser fontes para outras produções coletivas do portal.

Bom trabalho!

Realização — Patrocínio — Parceiro de Comunicação — Parceiro Tecnológico —



Instituto
avisa lá
formação continuada de educadores



Apoio

